

# **O CARÁTER CÉTICO DO PENSAMENTO CARTESIANO\***

## **THE SKEPTIC CHARACTER OF THE CARTESIAN THOUGHT**

**Ricardo Manoel de Oliveira Morais\*\***

### **Resumo**

O artigo compreende o papel ocupado pelo ceticismo no pensamento de Descartes. Dessa forma, serão realizados alguns esclarecimentos a respeito das principais concepções céticas, como a *epoché*, a equipolência das doutrinas e a *ataraxia*, para evidenciar o modo como elas são apropriadas na Modernidade, principalmente pela dúvida cartesiana, mesmo não tendo como fim o ceticismo em si mesmo. Feito isso, será apresentada a discussão sobre qual seria o ceticismo relevante para Descartes, o acadêmico ou o pirrônico, partindo da análise de alguns comentadores sobre o tema.

**Palavras-chave:** ceticismo; *epoché*; equipolência; *ataraxia*; dúvida cartesiana.

### **Abstract**

The article attempts to understand the role played by the skepticism at the thought of Descartes. Thus, it will be done some clarifications about the

---

\* Artigo recebido em 10/12/2013 e aprovado para publicação em 21/05/2014.

\*\* Bacharel em Filosofia pela FAJE e em Direito pela FDMC. Mestrando em Filosofia pela UFMG.

main skeptical conceptions, like *epoché*, the equipollence of doctrines and the *ataraxia*, to show how they are appropriate in Modernity, mainly by Cartesian doubt, while not having as end skepticism itself. After this, it will bring the discussion about which skepticism is more relevant in the thought of Descartes, based on an analysis of some commentators on the subject.

**Key-words:** skepticism; *epoche*; equipollence; *ataraxia*; Cartesian doubt.

## 1. Introdução

O presente artigo tem por objetivo analisar o caráter cético presente no pensamento de Descartes. Para isso, serão apontados alguns elementos do ceticismo, tanto no período antigo, quanto em sua retomada na modernidade. Assim, pretende-se mostrar que o Pensador se utiliza de elementos do ceticismo, mas, tendo em vista que tem por objeto chegar à certeza, ele não pode ser totalmente enquadrado como cético.

Nos esclarecimentos acerca do ceticismo antigo, será evidenciado que duas escolas despontaram nessa doutrina de pensamento, quais sejam, os pirrônicos e os acadêmicos. Os primeiros possuíam uma filosofia no sentido de que todas as doutrinas no saber se equivalem e, quando o indivíduo chega a essa conclusão, ele suspende o seu juízo e alcança a felicidade. Já no ceticismo acadêmico não existe essa noção de equivalência das formas de conhecimento, mas um probabilismo, isto é, na medida em que não se pode conhecer, deve-se tomar o mais provável como critério de agir, mas sem aderir a ele, razão pela qual também há a suspensão do juízo. Apesar de algumas distinções, ambas tinham como objetivo alcançar a felicidade, o que se dava pela suspensão do juízo (*epoché*), conforme será visto.

Feito isso, será mostrado o modo como o ceticismo é retomado na modernidade, com os seus principais representantes neste período, e que mais influenciaram Descartes. São eles Montaigne, Charron e Le Vayer, cujo ceticismo não se dá nos estritos termos da antiguidade, ficando a serviço do fideísmo ou como introdução ao cristianismo.

Após fixados tais pressupostos, pretende-se compreender o modo como o ceticismo influencia Descartes, nos seguintes termos: em que medida o Pensador vê a necessidade de ultrapassar essa doutrina; o modo como ela é utilizada no processo de alcance da certeza; como a dúvida cética se instaura e influencia a dúvida cartesiana. Para tanto, serão utilizadas, principalmente, *Meditações sobre filosofia primeira* (1973) e *Discurso do Método* (1973).

Em um último momento, será contraposta a tese de que o ceticismo seria algo que Descartes tentou ultrapassar, sendo mais influenciado pelo ceticismo pirrônico, defendida por Richard Popkin, em face à tese de que Descartes teria sido influenciado, na verdade, pelo

ceticismo acadêmico e, que seu objetivo não foi de fato ultrapassar essa doutrina, posição sustentada por Thomas Lennon.

Ao final, nas considerações, haverá uma retomada dos principais conceitos e temas trabalhados, de forma a articular o problema da importância e influência do ceticismo no pensamento cartesiano.

## 2. Noções sobre o Ceticismo

No sentido do senso comum, o ceticismo pode ser tido como recusa em admitir que há determinado conhecimento ou que se possa provar algo. Em certa medida, quando se fala em uma filosofia cética, o senso comum pode ter alguma validade na compreensão, mas não é totalmente preciso ou aprofundado. Por essa razão, há a necessidade de se fixar alguns pontos sobre o ceticismo grego antigo e o modo como ele é apropriado na Modernidade para, somente partindo disso, compreender o papel que ocupa em Descartes<sup>1</sup>.

Assim, quanto ao ceticismo antigo, cabe salientar que o verbo grego que marca o ceticismo significa "olhar de maneira cuidadosa", "vigiar", "examinar atentamente". Assim, cético é o sujeito que examina uma doutrina cuidadosamente, sendo que o "*fundamento da atitude cética é a cautela, a circunspeção*" (FERRATER MORA, 2004, p.437).

O ceticismo antigo é marcado por um ataque radical ao dogmatismo filosófico, criticando os padrões de racionalidade ou seus critérios como não satisfatórios para alçar o conhecimento. Com isso, a pretensão dos dogmáticos de chegar a certezas é atacada. Esta corrente, na Antiguidade, foi marcada por uma divisão entre duas escolas, os pirrônicos e os acadêmicos. Estes concernem seu nascimento a Sócrates, e aqueles à Pirro, mesmo que ambas, em certa medida, atribuem seu germe inicial à concepção socrática de modéstia quanto ao saber.

Quanto à doutrina cética grega propriamente dita, pode-se dizer que por volta do ano 323 a.C. Pirro começa a difundir este discurso. Ele, ao contrário do que se pode pensar, nunca pretendeu fundar uma doutrina ou escola, não deixando escritos, tendo como objetivo retomar os ensinamentos de Sócrates. Inclusive os discípulos que se ligaram a ele não foram de modo tradicional, mas movidos por uma admiração e tomando-o como paradigma de vida. Dentre os seus seguidores estão Enesídemo e Sexto Empírico.

O pirronismo é caracterizado por ser um ceticismo de caráter mais radical. Tem como fim a imperturbabilidade (*ataraxia*), que é

---

<sup>1</sup> Muitas vezes, quando se estuda o ceticismo na antiguidade e, após, sua retomada na modernidade, pode parecer haver uma superficialidade ao cunhar a imagem do cético, como uma instância artificial e imutável, fixa na concepção de um sábio, que tem como forma de racionalizar a filosofia cética. Esta não é a proposta deste artigo. Cumpre ressaltar que o ceticismo sofreu inúmeras "metamorfoses" históricas, que se traduziram em importantes mudanças. Assim, haverá uma tentativa em evitar essa unificação que parece forçosa, sendo que o objetivo será verificar no pensamento de Descartes elementos céticos, assim como nos modernos, devido à enorme complexidade da história (Cf. CANTO-SPERBER, 2003, p.236).

alcançada por meio da suspensão do juízo (*epoché*), que o indivíduo pensante, ao perscrutar os campos da razão, percebe a existência das diferentes e variadas doutrinas, ora assentindo a uma, ora a outra. Mas, após um tempo, se dá conta de que há um desacordo constante ou equipolência entre as doutrinas. Assim, a partir dessa constatação, ele irá suspender o juízo a respeito do conhecimento e, ao fazer isso, irá alcançar a felicidade, tida como imperturbabilidade, na qual não se dá adesão a nenhuma forma de saber.

Pode-se dizer que a busca pirrônica é, em início dogmática, mas chega à suspensão do juízo, com a conseqüente *ataraxia*, mesmo que essa não fosse sua busca inicial (Cf. BORBA, 2010, p.17). Portanto, essa constante oposição entre as doutrinas indica a marca pirrônica.

Sexto apresenta uma interessante descrição das variadas filosofias, classificando-as em três tipos: 1) aqueles que pensam ter descoberto a verdade, os dogmáticos; 2) aqueles que supõem que ela não pode ser apreendida, devendo-se pautar no mais provável, como é o caso dos céticos acadêmicos; 3) aqueles que continuam investigando e opondo os argumentos, sem aderir a nenhum, que são os pirrônicos (Cf. FERRATER MORA, 2002, p.437). Somente estes alcançam a realização.

Necessário frisar que mesmo que o ceticismo tenha como principal alvo de crítica o dogmatismo, seu objetivo não é refutar dogmas demonstrando sua incoerência ou falsidade, mas evidenciar que as doutrinas, sendo equivalentes, não são aptas a ganhar adesão do verdadeiro sábio. "O cético pirrônico acredita que para cada argumento, há um contrário com igual poder de convencimento" (BORBA, 2010, p.18).

Essa doutrina não coloca em questão a existência do mundo exterior ao duvidar, apenas os juízos ou formas de pensar. Ainda, para que não haja uma paralisação da ação, eles adotam o fenômeno, como critério para ação.

Quanto ao ceticismo acadêmico, este se distingue do pirrônico. A doutrina cética antiga não se esgota com Pirro, surgindo novos expoentes na Academia, como Arcesilau e Carnéades. O ceticismo dessa instituição é marcado como moderado, na medida em que não eleva a dúvida no mesmo nível dos pirrônicos e não está presente a noção de equipolência. Sua finalidade é evitar o erro, razão pela qual a suspensão do juízo é uma noção primordial. Para que tenham um critério de ação válido diante a suspensão do juízo, eles se utilizam do probabilismo na vida prática.

Conforme já colocado, os céticos acadêmicos não buscam a equipolência, pois não acreditam que os argumentos se equivalham. Para eles, podem existir opiniões que sejam mais prováveis ou convenientes que outras e, mesmo que não seja absolutamente correto ou verdadeiro aderir a uma ou outra, há a possibilidade de assentir a elas sem emitir

juízos, isto é, mantendo o juízo suspenso. “Aqui podemos observar mais um ponto de divergência com os pirrônicos. Estes seguem o fenômeno como critério de ação, enquanto os acadêmicos seguirão o provável” (BORBA, 2010, p.27).

O principal alvo das críticas dos acadêmicos eram os estoicos com sua concepção de impressão cataléptica. O acadêmico ataca a noção da possibilidade de se apreender algo de forma indubitável, sem que haja um processo racional anterior de verificação do provável.

Um forte argumento apresentado na desconstrução da impressão cataléptica era o do sonho, que consistia no fato de que há uma enorme dificuldade em distinguir sono de vigília e, muitas vezes, impressões que o ser humano tem durante o sono são tão vívidas que podem ser tomadas como reais. Mesmo quando o sujeito acorda, ele pode ter, durante um tempo, alguma dificuldade em descobrir se o sonho de fato ocorreu. Por essa razão os céticos questionam como se sustenta a impressão cataléptica se representações falsas também estão sujeitas ao assentimento. Por essa razão não se deve assentir a nada, suspendendo o juízo, pautando-se apenas no provável.

Também nesta forma de argumentar pode ter havido um germe da dúvida cartesiana, quanto ao argumento da indistinguibilidade do sono e vigília. Todavia, na Antiguidade não há questionamento sobre a existência do mundo exterior, o que ocorre com Descartes.

Vale ressaltar que as duas concepções de *epoché* — a dos pirrônicos e a dos acadêmicos — se distinguem. Os primeiros têm que a suspensão se dá por meio da constatação da equipolência, que leva à *ataraxia*. Já a segunda doutrina sustenta que a suspensão do juízo é fruto da incompreensibilidade das coisas, tendo como propósito de evitar o erro (Cf. BORBA, 2010, pp.33-34).

Com a retomada do ceticismo na modernidade, Descartes se influenciou fortemente. Pode-se dizer que o ceticismo tenha “desaparecido” após o segundo século d.C., só retornando no Renascimento, sobretudo com o reaparecimento das obras de Sexto Empírico.

Além dos textos de Sexto, ocorreu também a reforma protestante. Com ela, os critérios de verdade e de interpretação da bíblia foram questionados. Lutero seria pioneiro em questionar o modo como a Igreja interpretava as Escrituras e estabelecer um novo critério, que seria a consciência de cada um, e não mais a instituição cristã. O problema da disputa que questiona o critério de verdade é o regresso ao infinito, na medida em que quando os questiona, deve-se estabelecer outros critérios para solucionar a disputa de critérios, até o infinito (Cf. POPKIN, 2006, pp.28-29). Assim, o problema clássico dos céticos que é o critério de

verdade vem à tona novamente, surgindo inúmeras discussões a esse respeito<sup>2</sup>.

No que diz respeito a Montaigne (1533-1592), existe em suas obras alguns elementos céticos, apesar de ele nunca se ter considerado abertamente como um. A expressão melhor desenhada de uma doutrina cética nesse autor estaria na *Apologia de Raymond Sebond*, onde ele afirma que o homem seria incapaz de chegar sozinho à verdade, razão pela qual ele não deve questionar a instância da tradição, nem da religião, nem do país em que vive. Isso significa que ante à impossibilidade de conhecer sozinho o absoluto, o critério de ação passa a ser as normas da religião e da nação. A única possibilidade de o homem conseguir ir além dessa existência cética seria por meio da graça divina (Cf. CANTO-SPERBER, 2003, p.240).

Quanto a Charron (1541-1603), ele foi amigo e discípulo de Montaigne, sendo muitas vezes acusado de ter apenas repetido o pensamento de seu mestre. O ceticismo de sua obra é marcado por um caráter não apenas consolador, mas como uma defesa contra os dissabores da existência e como um modo de conseguir a paz de espírito. Ele sustentava que não se pode conhecer Deus, devido aos limites das faculdades humanas. No entanto, não há nenhuma razão séria para duvidar do cristianismo ou do catolicismo, devendo-se aceitá-los. O ceticismo, já que a tudo questiona, serve à busca pelo absoluto, que é o que se sustenta pelo ato de fé cristã, que deve ser abraçada (Cf. AUDI, 2006, p.135).

Por fim, Le Vayer também possui uma filosofia de caráter cético e fideísta. Segundo ele, o ceticismo seria uma “perfeita introdução ao cristianismo”. O pensador apresenta um importante acréscimo no que diz respeito ao critério de ação, ao alegar que os céticos se pautam segundo o costume. Mas ele vai além, quando opõe os costumes uns aos outros, segundo uma perspectiva crítica, em termos acadêmicos.

### **3. Descartes e o Ceticismo**

René Descartes foi um filósofo racionalista, cujo pensamento se traduz em uma tentativa de estabelecer o método para se chegar a um conhecimento verdadeiro e, a partir dele, erguer um saber adequado. Para tanto, seria necessário retirar do âmbito da sabedoria tudo aquilo que fosse duvidoso e indigno de lá estar, razão pela qual ele imprime um processo de duvidar até que subsista somente o indubitável. Pretende-se aqui expor os elementos céticos utilizados por Descartes nesse itinerário

---

<sup>2</sup> Somente vale dizer que muitos questionam atribuir o caráter de cético àqueles que utilizam alguns elementos para questionar dogmas da Igreja e simplesmente estabelecer outros, ou ainda colocar a impossibilidade humana de alcançar o transcendente, mas pressupô-lo como existente (fideísmo). No entanto, dada a complexidade e profundidade dessa discussão, ela não será tratada neste trabalho.

de dúvida, com escopo de mostrar que o ceticismo não se sustenta diante da certeza encontrada, quando levado às últimas consequências<sup>3</sup>.

A dúvida que Descartes propõe evidencia aspectos céticos, havendo uma enorme discussão a respeito da influência que o filósofo teria recebido. No entanto, vale frisar que sua "vertente cética" serve a ideais "dogmáticos".

Em sua obra *Discurso do Método*, antes que se possa adentrar nesse processo de dúvida, o filósofo propõe qual seria o critério de ação: sua moral provisória. Quando é proposta a elevação da dúvida ao extremo, para deixar somente o conhecimento claro e distinto, deve haver algo no qual a humanidade deve se pautar, em caráter provisório, sob pena de uma *apraxia*, antes de se reconstruir o conhecimento com bases seguras e sólidas.

A moral só seria tratada por Descartes ao final da construção do conhecimento. A razão disso se pelo fato de que na árvore cartesiana de filosofia, o conhecimento metafísico somente é perfeito se fundado em princípios sólidos, embasados na dúvida radical. O tratamento de qualquer questão requer esses princípios. Assim, a constituição da moral como ciência somente pode se dar com o estabelecimento de seus princípios gerais metafísicos (Cf. CANTO-SPENBER, 2003, p.412).

Na primeira parte do *Discurso do Método*, o Filósofo expressa seu objetivo de alcançar o grau máximo de saber, em oposição ao cético, mas por meio de uma elevação da dúvida, um elemento radicalmente cético.

Uma primeira aproximação com os céticos modernos poderia ser feita com relação à desconfiança cartesiana em relação aos costumes. Para o pensador, o fato de se considerar os próprios costumes como racionais se dá pelo simples fato de não observar o de outros povos. Quando esse processo é feito, pode-se constatar que, por mais absurdos que eles possam parecer de um povo a outro, são todos defensáveis, razão pela qual não passam mera arbitrariedade e relacionam com a razão (Cf. DESCARTES, 1973, p.39).

Ainda nesse ponto de sua obra, Descartes coloca outro elemento cético, que é o fato de que as doutrinas filosóficas são contraditórias entre si e defensáveis. Isso poderia ser visto, talvez, como uma equipolência ou que elas podem ser combatidas umas com as outras devido à sua contradição. Pode-se dizer que, como o Filósofo reputa o verossímil como

---

<sup>3</sup> Cumpre ressaltar neste ponto que, conforme defende Lodi Nauta (2006) em seu artigo *Lorenzo Valla and Quattrocento Scepticism*, uma filosofia que se utiliza de elementos céticos, mas sem tomá-los como fim em si mesmo, não pode ser considerada cética. Ele, para defender que Lorenzo Valla não seria um cético, defende que Descartes não pode jamais ser taxado como cético, na medida em que tem por fim a certeza no âmbito do conhecer.

falso, ele objetiva ir além dele, por meio da dúvida (Cf. DESCARTES, 1973, p.40).

Quanto à construção do conhecimento seguro, erigido a partir do que se sustenta após a dúvida radical, isso está exposto na segunda parte do *Discurso*. Com a metáfora da construção, o Pensador afirma que não basta reformar o conhecimento, devendo demoli-lo, reconstruindo-o com as bases sólidas de um saber claro e distinto, isto é, absoluto.

As normas da moral provisória se apresentam na terceira parte da obra, e muito se assemelham às propostas céticas, conforme já colocado. Ela serviria como um ambiente temporário onde se pode buscar refúgio enquanto a dúvida radical é empregada<sup>4</sup>.

E enfim, como não basta, antes de começar a reconstruir a casa onde se mora, derrubá-la, ou prover-se de materiais e arquitetos, ou adestrar-se a si mesmo na arquitetura, nem, além disso, ter traçado cuidadosamente o seu projeto; mas cumpre também ter-se provido de outra qualquer onde a gente possa alojar-se comodamente durante o tempo em que nela se trabalha; assim, a fim de não permanecer irresoluto em minhas ações, enquanto a razão me obrigasse a sê-lo, em meus juízos, e de não deixar de viver desde então o mais felizmente possível, formei para mim mesmo uma moral provisória, que consistiria apenas em três ou quatro máximas que eu quero vos participar (DESCARTES, 1973, p.49).

Com estes elementos, pode-se evidenciar a semelhança e possível influência do autor em questão com relação às doutrinas céticas modernas e antigas, tanto com relação a verossimilhança, equipolência das doutrinas, suspensão do juízos (mesmo que de forma provisória) com uma proposta de solução da *apraxia*, que seria a moral provisória.

(...) claro que Descartes foi inegavelmente muito influenciado pelos céticos e que essa influência não se limita à dúvida como uma série de argumentos, mas à dúvida como um todo, vista como um caminho, uma tarefa que tem como ápice o questionamento de todas as coisas, lembrando que o escopo de "todas as coisas" em Descartes atinge a existência do mundo exterior, bem como as verdades eternas (BORBA, 2010, p.70).

Com relação aos vários argumentos apresentados pelo Pensador para colocar em dúvida as instâncias do pensamento, se apresentam como as principais as seguintes: 1) o erro dos sentidos; 2) o argumento do sonho; 3) o Deus enganador; 4) o gênio maligno.

---

<sup>4</sup> Um importante paralelo com Charron e Montaigne está no fato de que algo que não se deve questionar nesse âmbito dessa moral provisória são os dogmas religiosos, as leis e os costumes, conforme descrito neste trecho: "A primeira era estabelecer às leis e aos costumes de meu país, retendo constantemente a religião em que Deus me concedeu a graça de ser instruído desde a infância, e governando-me, em tudo mais, segundo as opiniões mais moderadas e as mais distanciadas do excesso, que fossem comumente acolhidas em prática pelos mais sensatos daqueles com os quais teria de viver" (DESCARTES, 1973, p.49).

Quanto ao erro dos sentidos, Descartes o explicita nas *Meditações*, como sendo o primeiro passo da dúvida. “Tudo o que recebi, até o presente momento, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez” (DESCARTES, 1973, p.94). Tendo em vista o fato de que os sentidos não proporcionam um conhecimento claro e distinto, não resta outra opção a não ser colocá-los em dúvida. Esse ataque à falibilidade dos sentidos também foi feita pelos céticos.

O argumento do sonho, um dos mais importantes no itinerário cartesiano, será aquele por meio do qual Descartes irá elevar a dúvida em uma instância radical, colocando, inclusive, a noção de mundo exterior em xeque. Mesmo que esse argumento tenha sido recorrente na história da filosofia, nunca se deu dessa forma. Tal é a exposição do Filósofo:

Todavia, devo aqui considerar que sou homem e, por conseguinte, que tenho o costume de dormir e de representar, em meus sonhos, as mesmas coisas, ou algumas vezes menos verossímeis, que esses insensatos em vigília. Quantas vezes ocorreu-me sonhar, durante a noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteiramente nu dentro do meu leito? (...) E, detendo-me neste pensamento, vejo tão manifestamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmado: *e meu pasmo é tal que é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo* (DESCARTES, 1973, p.94, grifos nossos).

Ele ainda coloca que, sendo a vigília e sonho indistinguíveis, não há nem como saber se aquele corpo que se considera próprio de fato existe daquele modo, demonstrando assim o questionamento radical com relação ao mundo exterior.

Todavia, ao contrário do que pode parecer em uma primeira vista, o argumento do sonho tem alguns limites. Isso porque existem certas coisas que, mesmo quando se sonha, são verdadeiras, tais como a extensão, figuras geométricas. Isto é, “(...) quer eu esteja acordado, quer esteja dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco e o quadrado nunca terá mais do que quatro lados (...)” (DESCARTES, 1973, p.95).

Ante à impossibilidade de que verdades tão evidentes quanto essas possam ser falsas, para Descartes, o modo de colocá-las em dúvida será por meio do Deus enganador. Este argumento aparece como a forma mais radical da dúvida, nos seguintes termos:

Todavia, há muito que tenho no meu espírito certa opinião de que há um Deus que tudo pode e por quem fui criado e produzido tal como sou. Ora, quem me poderá assegurar que esse Deus não

tenha feito com que não haja nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar e que, não obstante, eu tenha os sentimentos de todas as coisas e que tudo isso não me pareça existir de maneira diferente daquela que eu vejo? (DESCARTES, 1973, p.95).

Assim, esse argumento sustenta que uma instância onipotente tenha criado tudo, mas nada do que o ser humano acredita é verdade e não há nada exterior à mente humana. Ainda, esse Deus enviaria ideias falsas e faria com que a razão humana crescesse nelas piamente. Essa dúvida cria um cenário cético do qual não há como escapar. Como explica Maíra Borba (2010, p.89), essa é a dúvida hiperbólica, que ultrapassa todos os limites céticos, sendo ela um marco na modernidade.

Há, ainda, o grau máximo de dúvida: o gênio maligno. Sendo esta a força máxima do ceticismo, o *malin génie* é capaz não só de distorcer as informações que o ser humano detém, mas a capacidade de avaliá-las, razão pela qual nada é certo (Cf. POPKIN, 2000, p.280).

Uma vez exposta a tese de que Descartes teria de fato sido influenciado pela tradição cética, mas sem pertencer inteiramente a ela, cumpre contrapô-la a uma outra, a seguir exposta.

#### **4. Discussões sobre o caráter cético no pensamento cartesiano**

Serão analisadas duas teses a respeito da relação entre o ceticismo e o pensamento de Descartes. Uma delas é a de Popkin, segundo a qual o ceticismo teria um papel primordial no pensamento do Filósofo, pois seu objetivo seria alcançar a certeza pelo ceticismo, ultrapassando-o. A tese contraposta a esta será a de Thomas Lennon, que sustenta a posição de que o ceticismo acadêmico será aquele que caracteriza a metodologia de Descartes.

Para Popkin, Descartes assume o grau máximo da dúvida cética, levando-a às suas últimas consequências, com o argumento do gênio maligno. Este faz com que tanto as capacidades humanas quanto as informações que o indivíduo detém sejam questionadas. Ainda, diante da impossibilidade de se assumir o provável como o que deve ser buscado, o objetivo cartesiano seria o de ultrapassar esses graus da dúvida e o probabilismo, isto é, a chamada *crise pyrrhonienne*.

Pode-se dizer que, apenas quando se leva a dúvida até o fim, é possível verificar se a verdade se mantém. No entanto, tendo o pensador adotado um método não tradicional, ele foi, por alguns, acusado de ser um cético.

Richard Popkin, em sua obra *História do Ceticismo*: de Erasmo a Spinoza, apresenta o pensamento de Descartes em 2 capítulos. Um primeiro que apresenta a dúvida de Descartes, seus elementos céticos e o fato de que seu principal escopo é desconstruir o ceticismo. No segundo, ele evidencia que o Filósofo não foi bem sucedido em seu pensamento, tendo em vista que não chegou a uma certeza satisfatória para reconstruir o pensamento.

Descartes questiona o ceticismo, mostrando que o probabilismo não é suficiente para pautar a dúvida. Isso porque as doutrinas são equivalentes, não havendo uma que seja mais provável que outra. O mais acertado seria perseguir a certeza, que se apresentaria ao pensamento como clara e distinta, não sendo possível duvidar dela.

A tese do comentador indica fortes aproximações entre a dúvida de Descartes e a dos céticos, tal como o presente trabalho buscou fazer. E o Filósofo, ao aplicá-la, foi além dos céticos, elevando a dúvida ao máximo, por meio do gênio maligno.

A distinção do Filósofo em relação aos céticos estaria no objetivo: o primeiro tem por escopo a certeza, clara e distinta, da qual não seja possível duvidar, ao passo que os demais têm a dúvida como fim em si mesmo, sendo ela inclusive a condição de possibilidade para que se possa alcançar a *ataraxia*. Quando se eleva a dúvida ao seu máximo, ela culmina no *cogito*, que seria o resultado da certeza.

Maíra Borba, em sua dissertação de mestrado, analisa a tese de Popkin, sob a luz do fato de que Descartes tem por objetivo destruir o ceticismo, apresentando as seguintes provas: 1) Descartes teria vivido em um contexto que vige a crise pirrônica, que trazia à tona o ceticismo e seus fundamentos; 2) Descartes, em diversos episódios de sua vida, parece sempre estar preocupado com a destruição do ceticismo; 3) a dúvida cartesiana faz uso de argumentos céticos, presentes à época, que assolavam o pensamento; 4) há passagens textuais que corroboram a referência aos céticos, bem como o fato de o objetivo ser superar a dúvida (2010, p.109-110).

Para justificar tanto o primeiro quanto o segundo ponto da tese de Popkin, pode-se explorar o encontro que Descartes teria tido com Chandoux e o cardeal Bérulle, em Paris. O que teria ocorrido é que Chandoux fez um discurso, refutando o sistema filosófico com premissas céticas, de caráter probabilista. Ao final, Descartes indaga o orador o fato de que, sendo o provável o verdadeiro conhecimento, isso leva à possibilidade de o falso poder ser tomado por verdadeiro. Para demonstrar isso, ele apresenta exemplos ainda mais incontestáveis que o do interlocutor, demonstrando serem falsas. Ao ser indagado sobre qual o meio infalível para conhecer, ele fala de seu método.

Quanto à presença de argumentos céticos na dúvida cartesiana, pode-se aferir isso pelo fato de que o filósofo duvida dos sentidos, da realidade tal qual ela se apresenta e, ainda, do mundo exterior. Cabe frisar que os céticos também duvidavam dos sentidos, bem como do modo como se apreende a realidade. Todavia, Descartes eleva ainda mais essa dúvida, colocando o mundo exterior em xeque.

Ainda, a passagem textual que parece demonstrar totalmente as pretensões de duvidar, bem como de chegar à certeza, é a seguinte do *Discurso*: “tão firme e tão certa que todas as suposições dos céticos não seriam capazes de a abalar” (DESCARTES, 1973, p.54).

No que diz respeito à tese de Lennon, exposta no artigo *Descartes, Arcesilau e a estrutura da epoché*, Popkin parece atribuir um caráter cético ao pensamento do filósofo, mas em caráter gerais, concentrando-se mais no pirrônico. Para Lennon, José Raimundo Maia Neto teria alertado sobre as importantes diferenciações entre o ceticismo pirrônico e o acadêmico, e o caráter dessa segunda doutrina no pensamento cartesiano.

Essa tese, que é contrária à de Popkin, há a defesa de que o ceticismo acadêmico é a marca o pensamento de Descartes. “O caso que serve para sustentar tal tese é a clássica noção de epoché que surge em sua obra” (LENNON, 2011, p.37). Ela pretende sustentar: que a *epoché* pode ser uma estrutura lógica, e não somente um estado mental; em que ela consiste; qual o seu papel no método acadêmico.

Cumprido, primeiramente, esclarecer que, no âmbito dos acadêmicos, a *epoché* é sinônimo de felicidade. Dessa forma, os pirrônicos parecem não ter compromisso com a verdade, na medida em que não tem interesse em chegar a ela, nem mesmo pela dialética.

No *Discurso*, o Filósofo afirma que não se pode duvidar por duvidar, tendo em vista que isso não leva à certeza. A verdadeira busca filosófica deve ter como fim o saber. Para mostrar que Descartes estaria na tradição cética, Lennon propõe a seguinte interpretação: há um texto de Arístocles, que é relatado por Eusébio, segundo o qual Enesídemo foi mais longe que Tímon ao postular que o resultado da *epoché* não era se calar após se livrar das inquietações, mas sim o prazer; no entanto, os seguidores de Pirro não procuraram a verdade como solução da *epoché*, mas ela em si mesma, acarretando um tipo de niilismo epistemológico.

Uma importante questão são os resultados possíveis para a busca de algo: descobrir, confissão do fracasso ou indescobridade (posição dos acadêmicos) ou a continuação da busca (posição dos céticos). Nessa medida, o que os céticos buscam só pode ser a verdade.

Lennon propõe que a alegação de que os céticos busquem a *epoché* em si mesma deva ser interpretada com uma nova ênfase, tendo

em vista que o que Sexto Empírico diz sobre eles parece ser incompatível com a busca pela verdade, que também seria um objetivo deles. O comentador em questão defende ainda que a ambiguidade em torno da incognoscibilidade e da suspensão do juízo, no sentido de que isso não pode dissimular o caráter dialético do ceticismo antigo acadêmico, pois será isso que separa o separa do pirrônico e o conecta ao platonismo.

Importante esclarecer que o pirronismo alcança a felicidade quando se afasta das diferentes doutrinas, ao passo que o acadêmico encontra a sua quando observa as controvérsias. Cabe lembrar o primeiro capítulo do artigo quando foi dito que o objetivo acadêmico ao suspender o juízo é evitar o erro com a precipitação, fazendo com que o indivíduo mantenha a mente aberta, sem se precipitar, mantendo sua mente aberta (Cf. LENNON, 2011, p.38-41).

Ainda com relação à *epoché*, Pirro a identifica com a *ataraxia*, alcançando-a quando constata a impossibilidade de resolução das controvérsias. Logo, pode-se dizer que a tranquilidade está na impossibilidade de resolver a equipolência, silenciando a dialética. Lennon sustenta que essas duas categorias ocorrem simultaneamente, e não em atos distintos. Defende, também, que o pirrônico apenas alcança a felicidade quando nada persegue, sendo esta a concepção de suspensão de juízo presente no pirronismo. “Em qualquer caso, é o tipo de visão que naturalmente sugere tanto desistir da busca da verdade quanto da satisfação, pois, afinal, a busca foi inútil” (LENNON, 2011, p.46). Uma vez apresentada a questão dos pirrônicos, o comentador questiona se a equipolência não seria somente fruto da estupidez ou falta de imaginação ao resolver a questão.

Com o ceticismo acadêmico, tais temas se apresentam de modo distinto. Essa doutrina e sua concepção de *epoché* seria mais compatível com a filosofia cartesiana na medida em que para Arcesilau a verdade seria dificilmente acessada. No entanto, isso seria uma forte razão para que a suspensão do juízo bloqueie o preconceito, a paixão, a presunção e a precipitação, bem como tudo que possa impedir o conhecimento absoluto. (Cf. LENNON, 2011, p.46).

Se o indivíduo fracassa em sua busca pela verdade, percebendo a sua inalcançabilidade, a culpa não pode atribuída à verdade, mas ao sujeito somente. Como para Descartes, a verdade existe, devendo-se evocar a suspensão do juízo para que se possa chegar até ela, de modo a remover os obstáculos à sua percepção, que são colocados apenas pelo ser humano.

Além disso, a *epoché* dos acadêmicos seria uma recomendação metodológica, no sentido de que se deve contrapor opiniões opostas de igual cogência, até que não seja mais possível. E isso é exatamente a recomendação cartesiana, tanto no que diz respeito à primeira regra no

*Discurso do Método*, quanto na *Quarta Meditação*. Assim, tendo em vista o caráter acadêmico do método cartesiano, resta questionada sua pretensão de ultrapassar o ceticismo como um todo.

Portanto, a tese de Lennon se distingue da de Popkin, na medida em que este afirma ser Descartes um racionalista e apenas utiliza a dúvida pirrônica como meio para a certeza. Já o segundo sustenta ser o ceticismo acadêmico o marco da filosofia de Descartes, tendo em vista que ambos buscam a certeza, em certa medida, por meio da suspensão do juízo.

## **5. Considerações Finais**

Primeiramente, foram esclarecidas as diferentes doutrinas que parecem ter influenciado Descartes. Dentre elas o ceticismo pirrônico, que é marcado pela convicção de que todas as doutrinas e formas de pensamento se equivalem, devendo sábio suspender seu juízo sobre elas e, somente assim, alcançar a felicidade. Depois o ceticismo acadêmico, que é marcado pela tese de que, ante à possibilidade de se equivocar com a precipitação, não se deve agarrar a nenhuma doutrina, suspendendo o juízo, pautando-se pelo provável.

Após, foi visto alguns dos pensadores modernos ao qual se pode atribuir um caráter cético ao pensamento, que influenciaram Descartes, como Montaigne, Charron e Le Vayer. Havia a convicção de que a razão humana não pode conhecer o absoluto, devendo o ser humano se pautar na tradição, sem questionar instâncias como as leis do Estado e a Igreja.

Ainda, foi explicitado parte do pensamento de Descartes, onde ele emprega a dúvida máxima para chegar à certeza. O Filósofo duvidou de tudo aquilo que não fosse claro e distinto, como os sentidos, os costumes, a realidade apresentada, o mundo exterior e, ainda, de todas as faculdades humanas e do que elas são capazes de apreender. Com essa empreitada, seu objetivo era construir um saber com base apenas em bases sólidas.

Quanto ao caráter cético de seu pensamento, entende-se, devido ao exposto, que a ele deve ser atribuída a dúvida empregada no processo. Isso porque a filosofia se marca pelo seu *telos*. Sendo o de Descartes a certeza, alcançável pela via racional, ele se classifica como racionalista.

Evidente que esta não deve ser a única marca de seu pensamento, na medida em que a dúvida dos costumes, sentidos, o argumento do sonho são legados do ceticismo. Além disso, quando ele propõe a moral provisória, isso seria uma marca evidente do ceticismo moderno e uma resposta à *apraxia* nos termos dos antigos.

Essa tese parece ser a de Richard Popkin, também aqui exposta, mas passível de questionamento, a de que Descartes visou, com seu método, ultrapassar o ceticismo. Isso porque Thomas Lennon expõe que Descartes não tentou todo o seu processo racional para acabar com o ceticismo, mas sim aos moldes de um cético acadêmico. O ceticismo acadêmico busca a verdade, inclusive suspende o juízo para que possa alcançá-la. Caso não consiga, a incompetência é do indivíduo.

## **6 Referências bibliográficas**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. 2.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

AUDI, Roberto (org.). *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. Tradução de Edwino Aloysius Royer, João Paixão Netto, Alexandre da Silva Carvalho, Aline M. Ramos, Christian Perret, Eduardo Nasser, Felipe Augusto Imbelissieri Casadei e Marina Veiga. São Paulo, Paulus, 2006.

BORBA, Maíra de Souza. *Descartes e o Ceticismo: o estatuto da dúvida na filosofia cartesiana*. Belo Horizonte, UFMG, 2010. (Dissertação de Mestrado)

CANTO-SPENBER, Monique (org.). *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. Tradução de Ana Maria Ribeiro-Althoff, Magda França Lopes, Maria Vitória Kessler de Sá Brito e Paulo Neves. São Leopoldo, Unisinos, 2003.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. In *Coleção Os Pensadores*. Introdução de Gilles-Gaston Granger; Prefácio e notas de Gérard Lebrun; Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo, Abril Cultural, 1973.

\_\_\_\_\_. *Meditações*. In *Coleção Os Pensadores*. Introdução de Gilles-Gaston Granger; Prefácio e notas de Gérard Lebrun; Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo, Abril Cultural, 1973.

FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nyimi Campanário. 2.ed. São Paulo, Loyola, 2004.

LENNON, Thomas. *Descartes, Arcesilau e a estrutura da epoché*. In *Filosofia e Educação* 25: 37-60, 2011.

MAC DOWELL, João Augusto. *Apostila do curso sobre tópicos especiais em ética*. Curso ministrado em 2010. (material não publicado)

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. In *Coleção Os Pensadores*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo, Abril Cultural, 1972.

NAUTA, Lodi. *Lorenzo Valla and the Quattrocento Scepticism*. Publicado na Revista Koninklijke Brill NV, Leida, 2006.

POPKIN, Richard. *História do Ceticismo: de Erasmo a Spinoza*. Tradução de Danilo Marcondes. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 2000.

REALE, Giovanni. *Estoicismo, Ceticismo e Ecletismo: História da Filosofia Romana e Grega*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo, Loyola, 2011.